

# Uma singela homenagem a Malangatana Valente

• Um esboço do seu percurso artístico-cultural

N. 4/6/86

por Guerra Manuel

**M**ALANGATANA, conhecido e insagrado artista plástico moçambicano, dispensa qualquer apresentação. A sua figura e personalidade, forjou-se ao longo de mais de vinte anos de actividade pictórica em que percorreu um caminho singular, revelando-se como um dos nossos maiores representantes na abordagem da nossa realidade sócio-cultural. Estas linhas que lhe dedicamos visam apenas prestar-lhe uma singela homenagem na altura em que vai comemorar 50 anos da sua vivência intensa, multifacetada, cheia de episódios, em que se assumiu como intelectual íntegro, mau grado os obstáculos que se lhe erigiram à sua frente. O espaço que lhe dedicamos é, pois, uma mera tentativa de esboçar o percurso artístico-social do pintor, impregnado de sinuosidades desconhecidas das gerações mais novas.

## A «MÃO» DE PANCHO MIRANDA GUEDES

Em glória desportiva, particularmente no futebol, diz-se que há ou houve «mão» de alguém quando essa individualidade descobre num praticante potenciais qualidades que, posteriormente, vem aguardear este a uma posição elevada na modalidade. No caso concreto de Malangatana, podemos dizer, com propriedade, que houve a «mão» do arquitecto Miranda Guedes. Efectivamente, este projec-

povoado por um lado por individualidades como João Ayres, João Paulo, Pádua, Freire, José Júlio e mais uns poucos, e por outro lado marcado pela pintura dos irmãos Jacob Estêvão, meros paisagistas (na estêira do meu mestre Frederico Ayres), com as insuficiências que lhes caracterizava na abordagem da problemática sócio-cultural local, eis que aparece um Malangatana a preencher o vazio existente, a ocupar um espaço para o qual só Bertina Lopes já encetara alguns passos. Se nos é permitido um paralelismo, diríamos que Malangatana passou a preencher na pintura moçambicana o lugar que José Craveirinha já assentara arraiais na poesia. Assim, a sua temática com força, a sua alma povoada de fantasmas e angústias, pôde-se expressar, tornando-se objecto das atenções do mundo artístico local, pois trazia algo de novo, de revolucionário, de pouco admissível num indígena que se negava ao puro mercantilismo de alguns dos seus pares, pelo que a sua primeira exposição individual (Abril de 1961) constituiu um verdadeiro acontecimento cultural.

## CONFORTADO COM ARTISTAS E ESCRITORES DESTE CONTINENTE

Entretanto, paulatinamente, seguramente, o nome de Malangatana se ia firmando no panorama artístico local e a sua actividade se ia tornando

nifesta-se de diversas maneiras. Quando do lançamento da primeira edição do livro «Nós Matámos o Cão Ti-

além de outros. Em áreas puramente sociais, Malangatana nunca regateou o seu apoio. A sua integração na

colha de elementos para o museu de antiguidades.

Esta descrição não esgota a personalidade pluriforme do pintor que, iniciando-se num espaço sócio-cultural muito rico (Marracuene) entre curandeiros, nhamuseoros, músicos, cantores, dançarinos, escultores, animadores de festa, aí forjou a sua alma, aí fecundou o seu subconsciente que prodigamente o extravazava para o nosso deleite.



nhoso», de Luís Bernardo Honwana, surge uma posição do escritor Rodrigues Júnior, no jornal «Diário» a considerar o livro subversivo e distante da realidade social moçambicana. O pintor vem a terreiro e refuta

comissão pró-Escolar e Sanitária de Matatana ilustra essa situação.

## TENTATIVA DE MARGINALIZAÇÃO CULTURAL

Entretanto, a ascensão cultural e social do nosso pintor incomodou determinadas personagens de então, que tinham a primazia do fenómeno cultural moçambicano. É o caso do poeta Rui Knofli, que endereçou a Malangatana um rodapé, no então matutino «A TRIBUNA», subordinado ao título: «Advertência a um pintor». Nesse escrito, Knofli sentia-se de certo modo afectado pelo aparecimento do homem de Matatana no cenário cultural lourenço-marquino e através de uma prosa cáustica remetia o pintor ao «seu» lugar, querendo arredá-lo quer da vida social, quer da vida cultural, pois, segundo o poeta, só uma acção afastada do grande público é que valorizaria o pintor, ilustrando essa afirmação com o exemplo de Van Gogh, cujos louros só os gozou após a morte. Em suma, Malangatana devia ir para a toca, onde proveio, deixar de ser um ente social, pois não podia coabitar a mesma área do poeta, nem procurar tão pouco espaços de valorização, de troca de ideias e de experiências...

## HUMILDADE E PERMANENTE VALORIZAÇÃO

A trajectória artística de Malangatana é cheia de êxitos. Nem por isso o artista-pintor se considerou satisfeito. A busca por uma maior realização continuou na mesma medida em que procurava outras formas de expressão. Assim, torna-se bolseiro da Fundação Gulbenkian em Lisboa, aonde, na Cooperativa dos Gravadores Portugueses, faz a respectiva aprendizagem. Simultaneamente, aproveitando algum tempo livre nos intervalos das suas aulas de gravura, passa a dedicar-se à cerâmica, alargando o seu horizonte artístico. Cumulativamente a esta actividade, Malangatana já integrava o grupo musical de Matatana. Regressado a Moçambique, torna-se actor de teatro nas peças «O Lobolo» e «As 30 mulheres de Muselene», ambas do teatrólogo moçambicano Lindo Lhongo. Nas referidas peças, Malangatana inicia-se como cenografista em obras de grande envergadura. Na arqueologia, Malangatana dá os primeiros passos ao integrar uma equipa de trabalho da Universidade Eduardo Mondlane, que percorreu algumas províncias, na re-



cionista, cuja linha arquitectónica está patente em várias zonas da cidade (Maxaquene, Sommerschild e Polana) ao descortinar em Malangatana predicados artísticos que era preciso preservar, deu um passo importante na vida do pintor, na medida em que criou-lhe o ambiente próprio para a sua formação, dando-lhe apoio moral e material, sem interferir na sua liberdade expressiva nem tão pouco na criatividade do pintor.

Assim, Malangatana pôde aparecer em toda a sua pujança artística; assim, Malangatana pôde, voltando à linguagem desportiva, «explodir».

## MALANGATANA, ELE PRÓPRIO

Com efeito, nem quadro artístico delimitado, de contornos bem nítidos,

intensa, desdobrando-se em múltiplas áreas, interessando-se e participando em tudo quanto fosse acto cultural, alimentando a sua alma sedenta de fecundação. As suas telas projectam-se além-fronteiras e alguns entendidos estrangeiros em problemas de arte destacam a sua obra, comparando-a a nomes grandes do panorama cultural africano e mundial. É desta forma que o Prof. Dr. Ulli Beier, lente da Universidade Osobo, da Nigéria e membro do Clube Artístico Mbari, põe Malangatana pela força dos seus temas acima do escritor nigeriano Amós Tutuola, cuja obra é eivada pelas mesmas preocupações.

## SOLIDARIZA-SE COM O ESCRITOR LUÍS BERNARDO HONWANA

A verticalidade de Malangatana ma-

a posição do escritor, então conhecido pelas suas teses conservadoras. Pouco depois, o livro era proibido. Isto acontece na década de 60.

## APOIANTE E PROMOTOR DE OUTROS ARTISTAS

Malangatana Valente Ngwenha nunca foi egoísta. No seu percurso artístico preocupou-se não só pela sua valorização mas também em apoiar e promover outras individualidades que, ora davam os primeiros passos na arte, ora tinham dificuldades por variadas razões em se apresentar ao grande público.

Malangatana estendeu-lhes a mão em áreas até diferentes da sua. São conhecidos os casos de Obadias Mulhanga (pintura), Obelino Magaia (música) e Lindo Lhongo (teatro),